

## Refletindo sobre o Suplemento Literário do *Minas Gerais*

Haydée Ribeiro Coelho (UFMG)

A história do Suplemento Literário está vinculada ao jornalismo e à participação de escritores e intelectuais na vida cultural de Belo Horizonte. Isso fica bastante claro em *O desatino da rapaziada*,<sup>1</sup> de Humberto Werneck que, em seu livro, toma como ponto de partida 1921, para focalizar, inicialmente, uma geração, cujos componentes eram chamados de “rapazes desatinados” por Djalma Andrade. Como figuras centrais, segundo Pedro Nava, lá estavam Drummond, Emílio Moura, Milton Campos e Alberto Campos.

De maneira bastante interessante, com base em farta pesquisa bibliográfica (literatura, ensaios, documentos) e entrevistas, o escritor mostra como o período anterior à criação do Suplemento não pode ser ignorado, considerando a trajetória dos intelectuais envolvidos na edição conjunta de revistas e livros e, ainda, na vida política e administrativa de Minas. Esse quadro nos ajuda a entender a criação do Suplemento Literário em 1966, dirigido, inicialmente, pelo escritor Murilo Rubião, um dos redatores do Minas, juntamente com Ayres da Mata Machado Filho e Bueno de Rivera.

Desde o momento de sua publicação até 1992, o periódico mineiro saía semanalmente como encarte do *Minas Gerais*, sob a responsabilidade da Imprensa Oficial do Estado. Depois de um período de interrupção (1993), a edição do Suplemento retorna como publicação avulsa, sob a responsabilidade da Secretaria de Cultura, o que se mantém até hoje.

Tratar da história do periódico em destaque implica focalizar as orientações que o nortearam por ocasião de seu aparecimento e refletir sobre algumas de suas mudanças como aquelas que podem ser evidenciadas nos suplementos editados no corrente ano (2005), precisamente, nos números relativos a maio e junho.

O Suplemento buscava trazer a feição da província (Minas) e ser igualmente universal, como se observa na apresentação do seu primeiro número:

Sem negligenciar os aspectos universais da cultura, queremos imprimir a estas colunas feição predominantemente mineira, assim no estilo de julgar e escrever, como na escolha do material publicável. A fidelidade à província nos termos que a situamos, até conjura o perigo do provincianismo.<sup>2</sup>

Na mesma edição, o artigo de João Camilo de Oliveira Torres,<sup>3</sup> referia-se ao papel de Minas na hora presente: “a permanência da continuidade nas transformações do momento histórico” Para expor esse aspecto, o autor analisa momentos de tradição e

---

<sup>1</sup> WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada*: jornalistas e escritores. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

<sup>2</sup> Suplemento Literário do *Minas Gerais*. Belo Horizonte, 3 set., 1966.

<sup>3</sup> TORRES, João Camilo de Oliveira. Missão de Minas. Suplemento Literário do *Minas Gerais*. Belo Horizonte, 3 set. 1966.

transformação na vida política de Minas e do Brasil. O entendimento desses aspectos forneceria elementos para fixar “as bases de nossa vida futura, como nação, isto é, como realidade histórica viva e consciente”.

A reflexão sobre o nacional aparecia também no artigo “Função da poesia renovadora”, de Fábio Lucas. Nele ficava explícito que

A autonomia literária de uma nação é conquistada através do esforço criador de seus escritores, que prescindem das formas antigas, se quer ser novo e das formas importadas, se deseja ser original. A tradição é útil como ponto de partida, marco de um processo que se desdobra e continua; a arte estrangeira é importante para o conhecimento das etapas no terreno da expressão artística. De qualquer forma, o importante é tentar conseguir a conquista de um estilo próprio, a agregação de um produto novo aos já existentes.<sup>4</sup>

A evocação a esses textos procura mostrar como Minas (e, por extensão, o suplemento literário) se tornava responsável pela transformação do momento histórico e da nação e como o esforço criador dos escritores podia conquistar a autonomia literária de uma nação. Essas vozes críticas são reiteradas por outras como aquela de Jota Dângelo que destacava a necessidade de ultrapassar a censura e participar no debate. Evidentemente, que “a participação no debate” do teatro significava também participação no debate político, conforme trecho que se segue:

Mesmo com as restrições impostas pela censura, pois estamos em fase revolucionária, e esta, em qualquer parte do mundo, é fase de exceção, mesmo com estas restrições, a dramaturgia contemporânea brasileira prossegue inexoravelmente no caminho que é possível trilhar: da participação no debate.<sup>5</sup>

Já que falamos de censura, é importante dizer que o Suplemento Literário foi censurado em 1973 e 1975 e, apesar disso, manteve uma independência crítica ao longo de sua existência, mesclando diferentes vozes e diversas tendências críticas literárias e artísticas.

Concretizando as orientações que aparecem na apresentação do primeiro número do suplemento (a inclusão dos aspectos universais da cultura e também a inserção de poesia, ensaio, ficção em prosa e crítica literária, de artes plásticas e, de música), verifica-se que, ao longo de 1966, são publicados textos de vários poetas como: Bueno de Rivera, Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, Emílio Moura, Dantas Motta, Henriqueta Lisboa”, para mencionar alguns e a tradução de poemas realizada por Haroldo de Campos e Joaquim Cardoso. Muitos contistas têm seus textos publicados como: Ildeu Brandão, Celina Ferreira, José J. Veiga e Luiz Vilela, Autran Dourado, José Lobo. No âmbito das artes plásticas, Márcio Sampaio vai ser um colaborador assíduo, como se pode observar nos

---

<sup>4</sup> LUCAS, Fábio. Função da poesia renovadora. Suplemento Literário do *Minas Gerais*. Belo Horizonte, 3 set., 1966

<sup>5</sup> DÂNGELO, Jota. Participação obrigatória (I). Suplemento Literário do *Minas Gerais*. Belo Horizonte, 12 nov. 1966.

títulos: “Mondrian: artista para o futuro”; “ Expressão autêntica”, de Lúcio Cardoso, “Vive Breton: arte é vida”; “Jarbas; o barroco e o surreal; “Conheça Elia Kazan; “Movimento mineiro”, etc. No ensaísmo literário em 1966, destacam-se: Fábio Lucas, Affonso Ávila, Wilson Castelo Branco e Ângela Vaz Leão, dentre outros.

A nomeação desses colaboradores propicia tomar a medida do Suplemento e sua importância no cenário local, nacional, transcendendo essas fronteiras. Essa publicação constituiu um pólo agregador de intelectuais, de artistas, de escritores, críticos do passado e do presente, projetando-se para o futuro.

Na história do Suplemento, é importante destacar também a atuação da poeta Laís Corrêa de Araújo que, em “Roda Gigante”, série para a qual escreveu entre 1966 e 1999, buscava colocar o leitor em compasso com o mundo, com a roda dos textos. O título “Roda Gigante” estava associado ao “movimento dos livros” e “ao eixo da inteligência e da Imaginação”. A escritora resenhava textos de escritores de várias áreas, fossem nacionais e ou estrangeiros. Na subdivisão de “Roda gigante”, figurava a seção “Informais”. Nela, Laís Corrêa de Araújo noticiava textos, eventos, traduções, lançamentos e livros recebidos.

Nesse ano de 1966 e, em edições subsequentes do Suplemento, há uma preocupação em resgatar não somente o escritor mineiro e sua obra como também o autor que se revela ao público, no âmbito das relações humanas. Nesse sentido, encontramos nos textos do primeiro ano da edição do suplemento: depoimento de Noêmia Pires Frieiro, esposa de Eduardo Frieiro, Paulo Mendes Campos no depoimento de seu filho; Mário Palmério no depoimento de Mário Palmério”. Trata-se, então, de construir a história de Minas e do suplemento pelas histórias particulares, pelos relatos de vida tal como ocorre nos enfoques contemporâneos sobre a História.

Um outro compromisso do Suplemento era, segundo Laís Corrêa de Araújo,

[...] a divulgação ampla, embora rigorosamente selecionada, de trabalhos dos escritores jovens de Minas, capazes de nos dar, em conjunto, uma visão política do clima espiritual de uma geração que se decidiu a assumir os encargos e propósitos implícitos à ‘tarefa solitária’ e também solidária da literatura.<sup>6</sup>

A divulgação dos novos artistas aparece em edições especiais a eles destinadas como nos suplementos 74 e 75, correspondentes, respectivamente, às publicações de 27 de janeiro de 1968 e 3 de fevereiro de 1968. Os novos eram Henry Corrêa de Araújo, Adão Ventura, Sérgio Sant’Anna, Márcio Sampaio, Luiz Vilela, Humberto Werneck, João Paulo Gonçalves, Valdimir Diniz, Libério Neves, Carlos Roberto Pellegrino, Luís Gonzaga Vieira, José Márcio Penido, Ronaldo Werneck, Joaquim Branco, Plínio Filho, Sebastião G. Nunes, Márcio Almeida, Marilda Bernardino, dentre tantos outros.

Nesse espaço textual, os novos manifestavam suas opiniões a respeito de algumas indagações: Por que escreviam, para que, para quem, contra o que lutavam, o que desejavam provar? O debate se abria para múltiplas questões como o papel do intelectual e as tendências da poesia como o concretismo. Os novos escritores se posicionavam em relação ao que faziam e ao que acontecia fora do Brasil.

---

<sup>6</sup> ARAÚJO, Laís Corrêa de. Apresentação. Suplemento Literário do *Minas Gerais*. Belo Horizonte, 27 jan.1966.

As edições comemorativas, conforme já evidenciei em outro texto, constituem igualmente um painel importante para a reflexão sobre o Suplemento, pois demonstram suas tendências no âmbito da literatura, da crítica literária e da cultura. Testemunham um entrelaçamento entre as diferentes artes e os diversos campos de saber. Demonstram, também, a importância da memória, cujo resgate estabelece um elo comum entre as edições dos anos 60 e os anos 90.

Debruçando-se também sobre o fio de sua própria história, o Suplemento instaura um entrecruzamento de memórias. Os anos 90 revisitam os anos 60 e 70, como se pode verificar na edição especial de 7 de dezembro de 1991, comemorativa do Centenário da Imprensa Oficial de Minas Gerais.

Nessa publicação, aparecem nomes que participaram da história literária e crítica do suplemento e da Imprensa Oficial como: Wilson Castelo Branco, Moacir Andrade, Adão Ventura, Libério Neves, Noraldino Conceição, Walden Camilo de Carvalho, Cícero Acaiaba, Branca Maria de Paula, André Carvalho, Garcia de Paiva, Jaime Prado Gouveia, Ildeu Brandão e Rui Mourão.

Conforme afirma Hugo Achugar, crítico uruguaio:

Todo projeto de nação, todo projeto cultural, toda obra simbólica (artística ou não) funciona para trás mas também para frente. Toda reflexão, toda produção simbólica, toda narração é, em definitivo uma resposta ao tempo em que se vive, mas também uma proposta ao tempo que se aproxima.<sup>7</sup>

Considerando essa afirmação e as mudanças político-culturais ocorridas no Brasil e, conseqüentemente, no Suplemento, como refletir sobre a contribuição desse periódico para o debate contemporâneo?

De acordo com o que aqui expus, são muitas as lições do Suplemento:

- apresentação de uma visão crítica das diferentes áreas artísticas;
- incorporação da tradição no que ela contém de crítica e de negação aos valores cristalizados e retrógrados;
- abertura, de forma crítica, para as diferentes produções artísticas locais, nacionais e estrangeiras;
- diversidade literária, crítica e artística, sem hierarquização dos diferentes discursos;
- transcendência das fronteiras locais e nacionais pela publicação de traduções, ensaios, notícias de livros e de lançamentos, resenhas, entrevistas com escritores e intelectuais estrangeiros, dentre outros, e
- espaço múltiplo de vozes instaurado pelo diálogo tenso entre o local e o global, a tradição e a ruptura, a tradição e sua permanência no que ela contém de crítica.

Para abordar o que ocorre hoje no Suplemento, tomo como exemplificação dois números publicados nos meses de maio e junho de 2005. Algumas mudanças são visíveis: a periodicidade do suplemento é mensal e não semanal; não há a publicação de matérias que se desdobram em números subseqüentes como ocorre nas décadas de 60, 70 e 80 e os colaboradores não são permanentes.

---

<sup>7</sup> ACHUGAR, Hugo. *La balsa de la medusa: ensayos sobre identidad, cultura y fin de siglo en Uruguay*. Montevideo: Trilce, 1992, p.33. (O trecho em destaque foi traduzido por mim).

Em linhas muito gerais, os suplementos literários de 2005 (maio e junho) divulgam poetas, ensaístas e ficcionistas, mantendo o diálogo entre o local e o global; dão destaque ao aspecto gráfico, integrando-o às matérias publicadas; acolhem a colaboração de professores, ensaístas e artistas das universidades mineiras com projeção local e nacional; não se restringem à colaboração local, expandindo-a para além das fronteiras de Minas, abrigam textos publicados em outros momentos do Suplemento, reafirmando a necessidade do diálogo com o passado e o resgate da memória.

As vozes dos anos 60 ressoam nos textos dos anos 90 e do terceiro milênio. No entanto, a visão política da cultura não é a mesma. O artigo de Silvano Santiago, publicado em junho de 2005 com o título “Regionalismo(s) aquém e além da literatura, aquém e além do Estado-Nação” elucida muito bem esse aspecto.

Considerando que a cultura hoje é atravessada por fluxos econômicos globais, é preciso transcender a idéia de regionalismos e refletir sobre outras regionalidades. Silvano Santiago afirma:

Não estamos querendo retornar ao tema do hibridismo nacionalista. Estamos falando de algo utópico e inesperado - as literaturas regionais do Mercosul, ou as literaturas regionais dos estados-nações de língua portuguesa. Algo a ser construído pelas novas gerações, ainda que fragmentária e precariamente”.<sup>8</sup>

Nessa dimensão renovadora que sempre particularizou o Suplemento, não caberia ampliar o espaço cultural do periódico, abarcando essas regionalidades que transcendem os regionalismos? A voz de Silvano Santiago não anunciaria esse tempo que se aproxima, conforme a fala de Hugo Achugar aqui já mencionada?

O suplemento nos seus quase quarenta anos de existência tem muito a nos ensinar, sobretudo, a necessidade da permanência crítica e inovadora que se manifestou nos diferentes campos do conhecimento. Espaço plural, por excelência, continuará, com certeza, transcendendo as fronteiras de Minas e do Brasil.

---

<sup>8</sup> SANTIAGO, Silvano. Regionalismo(s) aquém e além da literatura, aquém e além do Estado-Nação. Suplemento Literário. Belo Horizonte, junho. 2005.